Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

GEOGRAFIA DA ESCUTA: a possibilidade de caminho com as palavras no fazer geográfico

Juliana Maddalena Trifilio Dias
juliana.maddalena@ufjf.br

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8941-903X

RESUMO

Você se escuta? Escuta seus alunos e suas alunas? Qual o lugar da escuta na escola? E na formação docente? Como considerar um fazer geográfico com e a partir da escuta? A partir de situações vividas em sala de aula e na pesquisa, este artigo apresenta um caminho teórico-metodológico com a Geografia da Escuta e seu Palavrar. Por meio do encontro referencial entre a Geografia e a Psicanálise, o texto aponta incidências de trabalho na Educação. Com a Geografia da Escuta, o trabalho com as palavras presentes nos encontros é considerado em três tempos. Tempo de nos encontrarmos com a palavra que nos atravessa; tempo para o trabalho de elaboração subjetiva, do estudo, da pesquisa e abertura da palavra; e o tempo da sistematização e apresentação do palavrar, seus efeitos e desdobramentos. Desse modo, este artigo chama atenção para a escuta e para o caminho as palavras no cotidiano docente e no fazer da educação geográfica.

PALAVRAS-CHAVE

Escuta; Palavrar; Educação geográfica; Psicanálise; Lugar geopsíquico

GEOGRAPHY OF LISTENING:
the possibility of a path with words in geographic practice

ABSTRACT

Do you listen to yourself? Do you listen to your students? What is the place of listening at school? What about teacher training? How can we consider doing geography with and based on listening? Based on situations experienced in the classroom and in research, this article presents a theoretical-methodological path with the Geography of Listening and its Wording. Through the referential encounter between Geography and Psychoanalysis, the text points out incidences of work in Education. With the Geography of Listening, the work with the words used in the meetings is considered in three stages. The time to encounter the word that crosses our path; the time for the work of subjective elaboration, study, research, and opening of the word; and the time of systematization and presentation of the wording, its effects and consequences. Thus, this article draws attention to listening and the way words are used in the daily teaching and practice of geographic education.

KEYWORDS

Listening; "Palavrar"; Geographic education; Psychoanalysis; Geopsychic place

GEOGRAFÍA DE LA ESCUCHA:
la posibilidad de un camino com palabras en el hacer geográfico

RESUMEN

¿Usted se escuchas? ¿Escucha a sus alumnos y a sus alumnas? ¿Cuál es el lugar de la escucha en la escuela? ¿Y en la formación docente? ¿Cómo considerar el hacer geográfico con y desde la escucha? A partir de situaciones vividas en el aula y en la investigación científica, este artículo presenta un camino teórico-metodológico con la Geografía de la Escucha y su "Palavrar". Por medio del encuentro referencial entre Geografía y Psicoanálisis, el texto destaca incidencias de trabajo en Educación. Con la Geografía de la Escucha, el trabajo con las palabras presentes en los encuentros se plantea en tres tiempos. Tiempo de encontrarnos con la palabra que nos atraviesa; tiempo para el trabajo de elaboración subjetiva, del estudio, de la investigación y apertura de la palabra; y el tiempo de sistematización y presentación del "palavrar", sus efectos y desarrollos. De ese modo, este artículo llama la atención para la escucha y para el camino de las palabras en el cotidiano docente y en el hacer de la educación geográfica.

PALABRAS CLAVE

Escuchar; "Palavrar"; Educación geográfica; Psicoanálisis; Lugar geopsíquico

Construindo a primeira cena

Em uma disciplina de Estágio para licenciatura em Geografia, elaborei, em acordo com a turma, um cronograma de trabalho para que todos nós pudéssemos assistir a aula ministrada pelo estagiário na escola. A escola também nos recebeu e tínhamos a oportunidade de trabalhar a aula antes de ser ministrada e depois no próprio espaço escolar. Era possível acompanhar as expectativas dos estagiários e das estagiárias antes de suas aulas e, ao mesmo tempo, trabalharmos os encontros e desencontros como efeito do trabalho.

Antes da atividade começar, escolhíamos nossos lugares na sala para que depois pudéssemos falar sobre a aula a partir de, literalmente, nosso ponto de vista. Solicitava à turma que tivesse atenção não somente ao colega que ministraria a aula, mas para o que acontecia na classe. O que alunos e alunas do 7º ano falavam? Com quem falavam? O que era possível escutar? Como eram as interações? Falavam em voz alta? Alguém pedia para que não falassem? Alguém os escutava?

Olhei para sala e escolhi minha carteira. Ela estava próxima ao fundo da sala onde já não havia fileiras. Lá no fundo parecia outra forma de organização em relação ao restante da sala. Próximo de onde eu estava sentada, alguns alunos do 7º ano estavam em duplas, outros sozinhos e ainda um que estava cabisbaixo e parecia dormir. Alguns estudantes da disciplina de Estágio também estavam próximos desse ponto da sala. Achei ótimo porque poderíamos conversar sobre o que escutamos ou não daqueles alunos.

A aula começa. O estagiário pede silêncio para turma. O tema de sua aula era crescimento populacional e um fragmento muito nos interessa nesse texto: a teoria de Malthus (1766-1834). O estagiário contextualizava brevemente a teoria sobre controle do aumento populacional em razão da diferença nos padrões de crescimento da população (progressão geométrica) e da oferta de alimentos (produção aritmética). Enquanto apresentava e desenvolvia seu conteúdo programático, sua voz foi ficando mais longe daquele ponto em que eu estava sentada. Mas não era porque algo de errado acontecia com sua fala, pelo contrário, algo também acontecia no fundo da sala.

Naquele mesmo instante, um dos alunos sentados em dupla disse para seu colega: "*você já assistiu 'Vingadores: ultimato'?*". Os colegas ao redor começaram a rir da pergunta e a conversa foi envolvendo outros alunos. O estagiário pede novamente silêncio. Mas o aluno insiste e diz para os colegas: "*eu acho que esse Malthus é o Thanos*". Os colegas continuam rindo e outro se surpreende: "*caraca! Agora entendi! Ele*

fez esse negócio de controle da população!". O estagiário pediu novamente silêncio e aula seguiu.

Quando a aula terminou, me reuni com a turma no pátio para que pudéssemos conversar sobre a atividade. Foram muitos pontos trabalhados, mas para este texto foi selecionado apenas um: a conversa que iniciou em dupla no fundo da sala. Primeiro perguntei aos estudantes que estavam próximos à minha carteira: "sobre o que aqueles alunos em dupla conversavam?". A primeira resposta: "*alguma bobeira porque os amigos ficaram rindo*". A segunda resposta: "*não ouvi direito, mas era sobre alguma coisa nada a ver com a aula*" e a colega completa: "*é... era sobre filme*". Então, refiz a pergunta para toda turma e disseram: "*não prestei atenção*"; "*só vi quando levaram bronca*". Também perguntei ao estagiário que disse: "*ouvi alguma coisa de filme que me desconcentrou*".

Na sequência contei para turma o que havia registrado e precisaremos seguir com este texto para além do juízo de valor. Aquela conversa terá sido uma "bobeira"? Uma conversa em sala de aula é, *a priori* motivo para levar bronca? Uma conversa pode ser incluída em uma aula?

O personagem Thanos, no filme do universo Marvel, em um estalar literal dos dedos fez metade da população sumir da Terra. A pergunta é: por que um aluno se lembrou daquele filme durante a aula? Como considerar e incluir esta e outras lembranças e uma aula de Geografia? Como pensar teórico e metodologicamente esta cena apresentada?

A Psicanálise na cena geográfica

Desde o encontro epistemológico da Geografia com a Psicanálise (Dias, 2019), algumas perguntas têm ecoado: como considerar geograficamente o dizer pela palavra como possibilidade de compreensão do humano em sua geograficidade? Qual o lugar da palavra no fazer cotidiano da educação geográfica? Como incluir o inconsciente na educação geográfica? Qual o lugar da escuta em nosso fazer docente? Se fundamento subjetivo está na experiência, então, qual seu lugar em sala de aula?

Desde o início da Psicanálise, Freud já nos colocava em evidência aquilo que alguém diz sobre o que lhe vem à mente. O ato de falar o que nos ocorre é algo potente no ser humano e com a Psicanálise esta fala endereçada a alguém adquiriu sua especificidade. Com base na psicanálise em seu encontro com a Geografia e incidindo na Educação, as perguntas que tenho feito colocam luz na palavra, sobre quem a diz e

nos efeitos desse dizer a outra pessoa. Do mesmo modo, é possível nos mantermos na cena vivida durante aquela aula de estágio e centralizarmos na escuta.

Pela escuta, Freud (2013 [1910]) verificou a existência de uma cadeia de lembranças com resíduos e símbolos mnêmicos. Ele constatou que as recordações revelavam que os pacientes estavam emocionalmente ligados ao que havia sido vivido no passado. Evidenciar a palavra no tratamento fez Freud colocar em destaque o saber do paciente, por meio de sua fala, que fornecia os elementos de seus sintomas a serem tratados. Havia lugar para aquilo que o paciente sentia e dizia sobre seu sintoma, bem como seus conteúdos inconscientes que se manifestavam e se presentificam em seus discursos.

Mas, qual o lugar do saber de nossos alunos e alunas em sala de aula? Por que ainda é tão comum escutarmos que eles e elas dizem "bobeiras"? Se é possível considerarmos que as lembranças podem estar ligadas emocionalmente ao passado, em que medida incluí-las em nossas aulas? O filme "Vingadores: ultimato" trouxe elevados números de bilheterias e espectadores. Ele esteve presente nas conversas cotidianas de nossas escolas e mexeu com o imaginário de um grande público. Este texto não é sobre essa produção da Marvel, mas ela nos faz refletir sobre o lugar de artefatos culturais em nossas salas de aula. Se um professor tivesse se lembrado de Thanos, teria sido "bobeira"?

Aquele aluno não deliberou sobre sua recordação. Ela foi disparada durante a aula de geografia pela fala de seu professor. "O fato é que essa subjetividade, em qualquer campo que apareça, [...] continua a impulsionar em seu conjunto o movimento humano" (Lacan, 1998, p. 284). Como continuar o movimento de trabalho com este aluno já impulsionado por sua lembrança? Então, como incluir e nos responsabilizarmos sobre aquilo que de alguma forma provocamos em nossas aulas?

> Tem-se aí a dupla basal da metodologia psicanalítica: o analisante fala (descompromissado com o sentido, numa associação dita livre) e o analista incide sobre esse discurso através das pontuações, interpretações e construções que opera sobre ele, não em qualquer momento, mas nos interstícios da fala nos quais algo do inconsciente aflora, nos momentos de 'abertura' nos quais o que estava oculto se revela por meio de lapsos, atos falhos, repetições, etc., no fluxo incessante da linguagem. (Homem, 2012, p. 71)

A regra fundamental da psicanálise é comumente dita como a regra da Associação Livre, não como liberdade, mas visando eliminar a possiblidade de uma seleção voluntaria dos pensamentos, ou seja, "segundo os termos da primeira tópica freudiana, por fora de jogo a segunda censura (entre o consciente e o pré-consciente)

[...]. Por fim, o método das associações livres destina-se a pôr em evidência uma ordem determinada do inconsciente" (Laplanche; Pontalis, 1997, p. 38).

Com este método, a expectativa era que os pensamentos espontâneos fossem comunicados a fim de que o material inconsciente fosse investigado. Freud investiu décadas na reflexão sobre o Inconsciente ao descentrar a consciência, destacar o recalque e sua relação com as representações do vivido. "Ele não surpreendeu somente a sociedade médica de sua geração, mas ainda hoje e em diferentes campos, marca nossa história ao afirmar a existência de pensamentos inconscientes que poderiam ser traduzidos através da associação livre" (Dias, 2019, p. 76).

Dessa forma, a partir de Freud, podemos considerar que o que vem à mente pode revelar pistas do material esquecido. Aquele aluno não chegou para aula pensando que se lembraria do filme. Sua lembrança era um material pré-consciente que pôde ser lembrado em sala de aula. Ainda que não deliberado, ao vir à consciência, veio por associação à fala do professor ligando Malthus à Thanos. Observe que não estamos convidando esse aluno e seu material esquecido a qualquer tratamento psicanalítico, mas estamos, por meio da Psicanálise, lendo de outra forma aquilo que em um primeiro momento foi silenciado e chamado de "bobeira". Não estamos buscando psicopatologias, mas incluindo lembranças por associação em uma aula de Geografia.

Para o psicanalista francês Roland Chemama (1995), "a descoberta freudiana pressupõe a existência de um psiquismo inconsciente, que nos determina, sem que o saibamos, inconsciente que não é uma simples ausência da consciência, mas o efeito estrutural de um recalcamento" (Chemama, 1995, p. 167). Esta noção de "sem que saibamos" também se reflete no modo como apresentamos nosso mundo e com ele nos relacionamos. Compreender os processos psíquicos é, também, considerar que existem manifestações que não são deliberadas pela consciência.

As experiências que vivemos provocam marcas, que poderão ou não serem lembradas, e estão diretamente ligadas ao modo como vivemos e somos afetamos no mundo, como o sentimos e como ele nos deixa suas impressões. Não é possível que seus os significados e marcas sejam totalmente desvelados, nem sabidos. Neste caso, esta busca por considerar o inconsciente na experiência geográfica é guiada pela palavra.

Aquela associação do aluno entre Thanos e Malthus, minimamente nos permitiria algumas perguntas: "como foi o filme?"; "de que você se lembra desse personagem?"; "o que você relacionou entre Malthus e Thanos?"; "você acha que teve um controle do crescimento populacional no filme?". Veja o fio das perguntas que nos

leva ao conteúdo programático daquela aula. Quem apresentou a guia para este fio? O próprio aluno. Ainda que não conscientemente.

Geografia da escuta

"Você se escuta? Escuta o mundo? Escuta o outro? Escuta seus alunos? Escuta a Terra? A primeira característica de um fazer geográfico marcado pela escuta é a possibilidade de escutar a si e ao outro no mundo" (Dias, 2022, p. 53). É trabalhar com a possibilidade da palavra ser dita e escutada.

Continuando a refletir, para além do juízo de valor, a partir de uma cena vivida durante a formação, aqueles estudantes de licenciatura sinalizaram que prestar atenção no que a dupla dizia, parecia dispersar do tema central e da concentração para ministrar a aula. Mas então, o que seria a atenção flutuante proposta por Freud?

Esta aposta de um trabalhado marcado pela palavra e pela escuta também pressupõe ao professor e à professora um modo de escutar também de inspiração psicanalítica. Dessa forma, não vamos "privilegiar *a priori* qualquer elemento do discurso, o que implica que deixe funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente e suspenda as motivações que dirigem habitualmente a atenção" (Laplanche; Pontalis, 1997, p. 40).

Esta recomendação está ligada à regra da associação livre e propõe uma atitude subjetiva. Então, como seria manter o planejamento da aula, mas em atitude de abertura ao que pudesse ser escutado e incluído na aula? Privilegiar, *a priori,* um elemento do discurso foi o que aconteceu na aula ao destacar o conteúdo geográfico sobre população pensando previamente. Então, pude dizer isto para turma da licenciatura e continuamos nossa reflexão: "*Nossa! Se na hora tivéssemos prestado atenção com cuidado e respeito para aquele aluno, a gente podia ter perguntado para ele sobre o Thanos...*"

Quando essa aluna se deixa trabalhar pela reflexão, ela faz um caminho que aponta para outra possibilidade para além daquela primeira. Este foi outro momento importantíssimo da aula, ou seja, mesmo depois da primeira cena, ela continuou a produzir trabalho para turma de estágio.

Freud evidenciou a palavra endereçada a alguém. Alguém que se coloca como possibilidade de escutar o outro. Meu olhar tem se voltado à palavra e com ela acusticamente me direciono à escuta. Uma escuta da palavra no mundo. Uma escuta possível na Terra. Um modo de ser e estar na ciência geográfica pela dimensão da escuta.

Uma possibilidade de fazer uma Geografia da Escuta com o compromisso com a palavra (Dias, 2022). Somos seres de linguagem, seres falantes, então, vamos escutar nos encontros e conversas no fluxo da vida. Na Geografia da Escuta, a proposta é se deixar tocar pela palavra e com ela deixar se fazer trabalho. São as palavras que nos conduzem a nos aproximarmos e a conhecermos a experiência humana na Terra em sua geograficidade.

De acordo com Éric Dardel (2011) a geograficidade como nossa condição terrestre diz sobre a relação que nos liga à Terra. Somos seres terrestres falantes e o modo como somos e habitamos nosso Planeta é único. "Cada um de nós vive a abertura à experiência geográfica de uma forma e isso incide em nossa leitura e apresentação de mundo" (Dias, 2022, p. 50). Então, diante dessa abertura e de nossa condição geográfica, qual o lugar da palavra em sala de aula?

Esta geografia se faz com a palavra. Uma palavra que nos conduz, nos orienta, nos localiza, nos permite registrar, deslocar e compreender a experiência humana na constituição de seus lugares (DIAS, 2019).

A palavra também se apresenta como uma tentativa de verbalizar imagens, sensações e afetos vividos em outros tempos e lugares, o que a faz mediar entre registros mnêmicos e o instante do dizer. Para Freud a palavra é "o resíduo mnemônico da palavra ouvida" (Freud, 2011 [1923], p. 25) e ela também nos revela que algo nos escapa mesmo com o suposto controle do que dizemos. "As manifestações do inconsciente na linguagem são expressões de que não somos mestres de nosso dizer" (Dias, 2022, p. 48). Um rápido exemplo: quantas reflexões estamos tecendo a partir de frases ditas em uma sala de aula? Essas reflexões não relevam que quem disse cada frase sabia conscientemente do que se passava naquela cena. Não havia e não há mestre de nosso dizer.

> A palavra não tem nunca um único sentido, o termo, um único emprego. Toda palavra tem sempre um mais-além, sustenta muitas funções, envolve muitos sentidos. Atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer, e, atrás do que quer dizer, há ainda um outro querer-dizer, e nada será nunca esgotado - se não é que se chega ao fato de que a palavra tem função criadora e faz surgir a coisa mesma, que não é nada senão o conceito (Lacan, 2009 [1953-1954], p. 275).

"A Geografia da Escuta não diz ou supõe o que o outro não disse, mas trabalha com aquilo que alguém tem possibilidade de nos dizer" (Dias, 2022, p. 55). A Geografia da Escuta considera as palavras ditas e não aquelas que um ouvinte poderia especular, pois não é disso que se trata. Neste sentido, não nos cabe especular por que o estagiário

e qualquer outro participante daquela cena agiu de um modo e não de outro. Estamos trabalhando com o que foi falado em sala de aula.

"Com base no método psicanalítico da associação livre e da escuta flutuante e, respeitadas as especificidades de cada campo de exercício profissional, a regra, com inspiração freudiana, é simples: alguém fala, então, vamos escutar" (Dias, 2022, p. 55). Como? Irá depender das circunstâncias em que essa possiblidade se fez presente. "A escuta na geografia pode nos aproximar daquilo que, em outros tempos e lugares foi vivido, é lembrado por cada pessoa, em um exercício que exige escuta sobre o lembrar e esquecer" (Dias, 2022, p. 54).

Para Freud [2010 (1912)], a atenção flutuante na escuta, favorece aquilo que possa emergir e evita o cansaço e os riscos de uma escuta proposital como quem procura por algo, muitas vezes já previamente sabido. Ela é feita em abertura para que as palavras possam encontrar lugar e fazer caminho. Essa escuta nos deixa em atenção no mundo, mas sem buscar alguma informação específica que julgamos previamente como importante. O objetivo desta escuta com atenção flutuante é para ouvir algo que ali possa se desvelar por meio da palavra escutada. Uma atitude metodológica de respeito, concentração e abertura ao que possa emergir de cada encontro consigo, com o outro e no mundo (Dias, 2022).

Mesmo vocábulo, outro significante

Se a Geografia da Escuta se volta às palavras, o que seria este trabalho com a palavra? Durante o doutoramento vivi uma situação na pesquisa a qual vou recorrer novamente para seguir neste texto. O afastamento temporal me permite recontar a situação com novas reflexões tecidas a partir do encontro da Geografia com Psicanálise e sua incidência na Educação.

Durante uma atividade em que trabalhávamos com lugares geopsíquicos (Dias, 2019), de repente, um participante nos contou que uma senhora havia sido internada no Centro de Tratamento Intensivo em um hospital da cidade. Naquele momento, poderíamos ter lido essa participação como fuga ao tema, afinal não trabalhávamos com algum assunto que coubesse uma intervenção sobre a vida daquela senhora. Observe que, neste caso, há uma semelhança com a situação vivida naquela aula de estágio. Como se nas duas situações algumas questões rapidamente se colocassem: "o que ele está falando? O que isso tem a ver com o tema? Como vou continuar com trabalho?"

O participante nos contou que a acompanhante daquela senhora reclamava por estar no hospital e lhe perguntou se ele sabia o que era estar ali por vários dias. Ele respondeu que sabia já que seu pai havia sofrido sete acidentes vasculares cerebrais e precisou ficar internado no mesmo hospital. Naquele momento lhe pedi para que parasse momentaneamente de nos contar e perguntei aos outros participantes o que seria esse hospital para o colega. Algumas pessoas responderam: "sofrimento, tristeza e desconforto". Ao ouvi-las, perguntei ao grupo se nosso colega havia falado alguma daquelas palavras e responderam negativamente. O que estava acontecendo? Ele disse hospital e as pessoas ouviram o vocábulo associado com palavras que ele não mencionou. Então, o participante voltou a falar e não confirmou que para ele hospital seria "sofrimento, tristeza e desconforto", mas ao contrário, seria alegria porque sua filha havia nascido naquele hospital (Dias, 2019).

A conversa parecia caminhar em torno de um mesmo vocábulo que dicionarizado tende a nos levar a definições como um local para tratamentos e internações. Sim, isto fazia parte do que falavam e ninguém estava confundindo a função de um hospital. Porém, a dimensão subjetiva também veio à superfície do discurso quando cada um foi colocando palavras associadas ao hospital. Essas palavras diziam respeito à suas vidas e não à vida do participante que iniciou a conversa. Este grifo é importante para diferenciarmos o que foi dito e o que as outras pessoas disseram.

O que falamos tende a objetivar a comunicação com outro mesmo sofrendo com os desvios entre nós falantes. Existe uma não coincidência entre a mensagem dita e aquela compreendida, ainda assim, gera a ilusão de que o dizer foi o mesmo que o compreendido. Os participantes da atividade acreditavam falar sobre o mesmo hospital, não como ponto localizável na Terra, mas como mensagem compreendida.

Essa não-coincidência na interlocução compõe o cenário da enunciação sendo inerente ao dizer. Isto significa que na Geografia da Escuta também estamos submetidos a esta não-coincidência. Perguntamos, ouvimos as respostas, mas não necessariamente a pergunta reflete aquilo que, efetivamente, seria o conteúdo questionado e, da mesma forma, acontece com a resposta. Como naquela aula havia uma ilusão que a turma acompanhava linearmente o raciocínio apresentado pelo estagiário. O aluno da dupla compreendeu acusticamente que era para interromper a conversa, ele sinalizou isso ao estagiário que compreendeu seu entendimento. No entanto, algo ainda movia o aluno a continuar sua inquietação sobre Thanos e Malthus.

A ilusão da coincidência equilibra e protege o diálogo. Dessa forma, sempre existe algo que escapa daquele que diz, daquele que escuta e entre os dois, ainda mais

quando estamos incluindo o inconsciente nesta visada (Dias, 2019). A Geografia da Escuta mantém a centralidade na palavra, mas ela não está descolada de quem a diz tão pouco dessa condição de não-coincidência.

O movimento provocado pelo desencontro de sentidos entre hospital-sofrimento, tristeza e desconforto e hospital- alegria, também nos permite ler que a palavra produz sentido ao ser enunciada e não está presa um significado construído *a priori*, como o dicionarizado, por exemplo. Isto nos aproxima da perspectiva lacaniana de significante. Para Jacques Lacan, o Inconsciente "fala no sujeito, além do sujeito, e mesmo quando o sujeito não o sabe, e diz sobre isso mais do que crê" (Lacan, 1988 [1955-1956], p. 54). Existe algo que fala em nós, que nos escapa e que se manifesta. Lacan afirma que "decorrer de um discurso intencional em que o sujeito se apresenta como querendo dizer alguma coisa, produz-se algo que ultrapassa seu querer, que se manifesta como um acidente, um paradoxo, ou até um escândalo" (Lacan, 1999 [1957-1958], p. 34).

Ao considerarmos as instâncias psíquicas apresentadas por Freud – consciente, pré-consciente e inconsciente – esta relação lacaniana entre significante e discurso muito nos interessa. Segundo o psicanalista Roland Chemama, o significante é o "elemento do discurso, referível tanto ao nível consciente como inconsciente, que representa e determina o sujeito" (Chemama, 1995, p. 197). Essa perspectiva se insere na ideia de inconsciente estruturado como e na linguagem. Ele pode se manifestar quando estamos a falar e algo poderá falar em nós.

> O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem. E não somente o significante desempenha ali um papel tão grande quanto o significado, mas ele desempenha ali o papel fundamental. O que com efeito caracteriza a linguagem é o sistema do significante como tal. [...] O significado não são as coisas em estado bruto, aí já dadas numa ordem aberta à significação. A significação é o discurso humano na medida em que ele remete sempre a uma outra significação. (Lacan, 1988 [1955-1956], p. 142)

Se a ênfase está na trama tecida na linguagem, é possível ser atravessada por uma palavra, nela entrar e torcê-la? É possível que a própria palavra abra caminho e se faça caminho? É possível construir um caminho reflexivo diante da palavra? Para essas perguntas posso antecipar meu sim. "Um "sim "que não foi escrito antes como um projeto, mas um "sim" vivido e que só pôde ser nomeado em um determinado ponto do percurso onde já era possível olhar para um tempo anterior" (Dias, 2022, p. 59).

Palavrar (Dias, 2022). É desse modo que tenho nomeado este trabalho com as palavras. Com duas inspirações para o nome. A primeira ocorreu em um encontro

durante o doutoramento quando recebi uma sugestão para leitura de um livro com o curioso título "A pa-lavra" e a conto novamente, (Dias, 2022). Por muito tempo fiquei parada diante do título e encantada com a força da divisão da palavra provocada pela autora e psicanalista Sandra Niskier Flanzer (2010). "Enquanto olhava para aquela incrível e sensível palavra, tentava entender que pá seria esta que lavra, o que a palavra lavraria, o que o instrumento pá faz e para onde aquela palavra me conduziria" (Dias, 2022, p. 52). Então, abri o livro e me encontrei com a poesia Labuta Letrada de Sandra:

> Por enquanto, meu trabalho é com palavras.
> Amanheço labor, na lida de letras.
> Ofício de termos vocabulando o dia.
> Verba? Derivada e à deriva do verbo.
> Por enquanto, de sol a sol, pa-lavro.
> (Flanzer, 2010, p. 13)

A segunda inspiração para esse nomear aconteceu com uma frase de Lacan: "o arado do significante sulca no real o significado, literalmente o evoca, o faz surgir, maneja-o, engendra-o." (Lacan, 1999 [1957-1958], p. 33). Com este arado, a linguagem nos toca, nos marca e nos atravessa, mesmo que tenhamos dificuldade de ler seus sulcos em nossa própria vida, mas estamos submetidos a ela.

O que tenho feito desde o início do texto? O que fiz na aula de estágio e na outra atividade descrita? Um palavrar. Um trabalho com a palavra. Um caminho de trabalho sulcado pela própria palavra. O palavrar pressupõe escuta e a Geografia da Escuta também o pressupõe. Com essa dupla podemos nos encontrar com palavras que nos marcam, que marcam nossos alunos e alunas. Palavras que nos lavram e fazem sulcos. A Geografia da Escuta faz um convite: "fale". "Existe alguém que diz, que sente, que faz lugar, que experencia lugares geopsíquicos" (Dias, 2022, p. 67). A Geografia da Escuta acontece quando nos voltamos a escutar as palavras. "A Geografia da Escuta é um convite à abertura do que pode emergir no encontro com a palavra" (Dias, 2022, p. 67).

O encontro com a palavra não se restringe a um horário cronológico, como uma aula, por exemplo. Pelo contrário, o trabalho subjetivo da palavra continua a operar. Vamos seguir com o registro também coletado durante o doutoramento e acompanhar o movimento provocado pela palavra escutada por alguém. Após aquela atividade recebi um e-mail de outra participante que dizia:

"*Enquanto todos falavam durante a reunião, eu me mantive mais quieta, até não aguentar mais e querer falar! Isso porque hospitais sempre foram lugares que me trouxeram muito medo, pavor mesmo, angústia! A reunião me trouxe um verdadeiro*

aperto no peito! E esse medo, foi sempre o medo de perder minha avó. Eu fiquei com ela na cabeça durante todo o encontro e ali percebi como a palavra hospital também me levava para um determinado lugar, que me dá pânico, onde evito passar até hoje.

Lógico que já tinha estado em hospitais, consultórios. Mas o que me vinha na cabeça durante o encontro foi o período em que minha avó esteve internada no Oncológico, o hospital da primeira internação e da primeira cirurgia. Ela iria operar em uma segunda, então viemos visitá-la no domingo. Na época eu era criança, não me deixaram entrar. E da frente do hospital vi minha avó, de camisola azul, cabelo branco e curtinho acenando. Ela estava no terceiro andar. E ainda hoje, quando passo na rua Barão de Santa Helena, evito olhar para a janela, mudo de calçada, porque a imagem se repete na minha memória". (Dias, 2019).

"A participante narra que, apesar do silêncio vocal, internamente havia muito barulho com o que ouvia durante a atividade, até que sentiu a força que lhe impulsionava a tentar colocar palavras naquilo que lhe vinha à mente. Ela partiu do princípio que o aperto no peito que sentia durante a reunião era por ter muito medo de hospitais." (Dias, 2019, p. 145). Ela sentia na carne o medo de determinado lugar vivido pelo significante que ela escutava na atividade. Não estávamos em um hospital, mas sua reação lhe fazia sentir como se estivesse. Junto com essa experiência espacial, outra característica do inconsciente também se manifestava: a atemporalidade. A participante, agora adulta, falou sobre uma segunda-feira de sua infância como se fosse naquele mesmo dia de nossa atividade. As lembranças e os afetos daquele dia se presentificaram durante a reunião por meio do significante hospital.

Para Lacan, "uma palavra não é uma palavra a não ser na medida exata em que alguém acredita nela. [...]. Ela está aí antes de qualquer coisa que haja atrás" (Lacan, 2009 [1953-1954], p.311). Para alguns participantes o vocábulo hospital se apresentava como um significante e para outros não produziu qualquer efeito.

Somos marcados por significantes e o modo como somos e estamos no mundo é constituído em nosso universo psíquico. Estamos diante da indissociabilidade entre sujeito, inconsciente e linguagem. "A relação entre sujeito e significante também é atualizada e diferenciada pela história de cada um de nós e pelo modo como subjetivamos nossas relações conosco, como o outro e com o mundo" (Dias, 2022, p. 122).

Algum tempo depois da atividade, a participante me disse: "*como pode o hospital estar associado a tantos lugares? Hospital para mim sempre foi medo, angústia... palavras ruins. Mas não pensei que o hospital pudesse disparar tanta coisa em mim,*

entende? Não pensei que ia vir tanta coisa a partir de uma palavra. Quando chego no hospital, em qualquer hospital, eu começo a passar mal e isto piorou na minha adolescência. Eu evito ao máximo ir para o hospital. Mas sempre achei que fosse nervosismo e não associava ao medo. Muito menos a um lugar". (Dias, 2019).

Para Roland Chemama, "se o significante for concebido como autônomo em relação à significação, ele irá, portanto, assumir uma função completamente diferente da de significar: a de representar o sujeito e também determiná-lo" (Chemama, 1995, p. 198). A participante possui uma história com hospital que está associada à sua avó. O medo de perdê-la se deslocou para hospital e não apenas aquele em que sua avó esteve internada. Este é um dos princípios do lugar geopsíquico no qual ele se constitui e se apresenta através de mecanismos psíquicos. Nesse exemplo é por meio da condensação e deslocamento que mobilizam psiquicamente substituições, repetições, representantes, significantes, metáforas e metonímias ao enlaçar hospital-avó-medo-morte.

No final de nossa conversa, a participante emocionada me diz o que acabava de perceber por meio de suas lembranças: "*quando passo em frente ao Oncológico não mudo de calçada à toa!*. Ela pôde se ouvir e se ver em tudo o que narrava enquanto sentia na carne a força da palavra. Palavra que quando pode ser dita, pode ser ouvida e pode ser lida, também pode significar e ressignificar o lugar e as experiências vividas" (Dias, 2019, p. 146). Ela pôde ver um sentido *a posteriori* para uma ação em que ela mesma não via sentido antes. Por que atravessar a rua do hospital se sua avó não está mais internada? Seu deslocamento na cidade estava marcado por seu significante e vivido através de suas realidades geográfica e psíquica.

> o efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas esse sujeito é o que o significante representa, e este não pode representar nada senão para um outro significante: ao que se reduz, por conseguinte, o sujeito que escuta (Lacan, 1998, p. 849).

A palavra é tecida em significantes, representações e representantes dessas representações. Tyszler (2011) nos recorda o sujeito como efeito do significante. A participante nos mostra o movimento e efeito da palavra após a atividade. O aparente silêncio em sua participação já era movimento provocado pelo significante. A Geografia da Escuta nos convida a esta leitura.

Geografia da escuta, palavrar e algumas possibilidades

A Geografia da Escuta se volta à experiência humana sob a forma de escutar e seus falantes. E o que isso significa? Você pode se perguntar, mas como fazer esta Geografia da Escuta? Vamos com a própria palavra Geografia – grafia da Terra. Como a grafia da Terra se inscreve em cada um de nós? Como nossas histórias de vida marcam nossas terras na Terra? Somos seres terrestres falantes e isto nos proporciona um vasto campo de trabalho.

Você já escutou como as pessoas falam nas filas de bancos? No supermercado? Numa sala de espera? No ônibus? No recreio? Sobre o que elas conversam? Qual o jeito? Quais sotaques? Como você se aproximaria para continuar uma conversa com um falante em alguma dessas cenas públicas?

> Se estamos fazendo Geografia da Escuta, nosso interesse está voltado para as pessoas e suas histórias na Terra e em diferentes escalas. A questão é como cada escutador poderá encontrar ou criar uma circunstância para que o falante nos conte suas experiências. Porém, tenha atenção porque escutar histórias de vida não é ficar pensando "Ah, então fulano é assim porque viveu isto e aquilo". Não. Nosso papel é caminhar com a trilha que as palavras do outro vão sulcando em nós. E para isso, será preciso acolhê-las e sem julgar ou estabelecer causas e consequências sobre as vidas que encontraremos. Precisamos caminhar com as palavras que o outro nos apresenta, então, vamos escutá-la. (Dias, 2022, p. 209)

A Geografia da Escuta é marcada pela abertura ao processo, à observação e à escuta das pessoas. "Uma geografia que se interessa pela vida dessas pessoas. Escutar o que alguém nos diz é muito diferente de procurar escutar o que gostaríamos de ouvir, o que pressupõe que cada um de nós poderá se encontrar com um modo de escutar na possibilidade de nos despirmos de certezas e respostas prévias." (Dias, 2022, p. 209). Não há garantia prévia e sim uma aposta na possiblidade de que alguém possa falar e ser escutado.

> Primeiro é preciso saber tocar suavemente no outro, tatear hospitaleiramente e com delicadeza as palavras, deixar algum intervalo para ouvir o silêncio que atravessa a troca de palavras e de turnos. Torna-se uma espécie de caverna, lisa e sem muitas rugosidades, um tambor de reverberação é uma tarefa difícil, pois significa silenciar suas próprias vozes, antecipações e preconceitos quando se está a escutar o outro. (Dunker; Thebas, 2021, p. 114).

Quando caminhamos com as palavras que nos chegam, nos tocam e nos atravessam, também transitamos entre palavras estranhas e familiares na perspectiva do

estranho familiar freudiano. Então, de repente uma palavra parecerá ter outro modo de ser lida e nos perguntaremos "como não vi isso antes?".

Freud no texto "*Das Unheimliche*" ("O estranho"; "O inquietante"), apresenta o inquietante como "aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar" (Freud, 2010 [1919], p. 331). Para o autor, "quanto melhor a pessoa se orientar sem seu ambiente, mais dificilmente terá a impressão de algo inquietante nas coisas e eventos dele." (Freud, 2010 [1919], p. 332).

> O Unheimlich se refere a algo que desconcerta a subjetividade no registro do Eu, na medida mesmo em que aquilo que parecia ser familiar para esse se transforma imediatamente em algo não familiar. O familiar que não deveria nos surpreender e inquietar se transforma, subitamente, naquilo que não é familiar. (BIRMAN, 2019, p. 246-247)

Esse estranho familiar está na base da situação vivida com o significante hospital trabalhado neste texto. Um vocábulo conhecido pela participante, uma situação também lembrada por ela, no entanto, após o trabalho com a palavra na reunião, aquela palavra tão familiar se apresentou como estranha a ela mesma.

Do mesmo modo deve ser princípio para escuta: estranhar. Um estranhar ligado à dúvida, não pelo que a pessoa disse se é ou não verdade jurídica, mas como possibilidade de estranharmos algo que nos parece familiar. Volte aos exemplos trabalhados nesse texto. O que hospital lhe diz? O que Malthus lhe diz? "A tarefa de estranhar a familiaridade cotidiana não é simples, mas pode revelar a riqueza de novos encontros com velhos conhecidos" (Dias, 2022, p. 40).

Esta possibilidade de nos espantarmos com as palavras pode nos levar ao exercício do palavrar. Isto significa que a escuta em extensão está ligada à continuidade do trabalho de escuta mesmo após nos despedirmos de alguém que conversamos ou encerramos uma aula, por exemplo. "Com o palavrar temos três tempos. Tempo de nos encontrarmos com a palavra que nos atravessa; tempo para o trabalho de elaboração subjetiva, do estudo, da pesquisa e abertura da palavra; e o tempo da sistematização e apresentação do palavrar, seus efeitos e desdobramentos" (Dias, 2022, p. 210). Não há uma cronologia, apenas o tempo de escuta e trabalho da palavra.

Os três tempos estão ligados à circunstância em que alguém se põe a falar e ao modo que também convidamos as pessoas a falarem conosco. Essas circunstâncias marcadas por algum espaço-tempo podem criar condições para a palavra sulcar seu caminho. Uma aula planejada com intervenções para que alunos e alunas possam falar, é

uma aposta de trabalho, por exemplo. Na aula ministrada pelo estagiário isto não foi planejado e, ainda assim, a dupla falou em voz alta seu pensamento por associação.

Essas circunstâncias para os encontros com as palavras não são uma busca pela resposta correta pensada *a priori,* ainda que sejam planejadas como atividades. "Estes encontros também supõem a reciprocidade de uma conversa, de modo que aquilo que é exposto sobre suas vidas, seja respeitado e acolhido" (Dias, 2022, p. 54).

A ideia não focar em uma pergunta direta a ser respondida, mas criar uma circunstância que convide alguém a falar. Esta perspectiva também é um convite a experenciar uma escuta não direcionada, sem uma pergunta *a priori* e sem uma busca por uma resposta específica (Dias, 2022).

A cada encontro e no exercício de palavrar, podemos nos aventurar a não usar o gravador, por exemplo, o pode nos colocar em outra posição diante da pessoa com quem conversamos. Você já experimentou uma conversa de pesquisa sem gravador? Este é um exercício possível. Do mesmo modo em sala de aula, algumas atividades propiciam que as histórias de vida possam emergir e a questão se mantém: vamos escutá-las?

"Com a escuta flutuante, os registros de campo ou notas de aula não precisam ser simultâneos e na presença do falante. Eles podem ser feitos posteriormente por aquilo que a memória retém" (Dias, 2022, p. 56). O registro *a posteriori* também poderá indicar algo para além de nossas expectativas e buscas de pesquisa, caracterizando material de campo. Para Freud, é possível "entregar-se totalmente à sua 'memória inconsciente', ou, expresso de maneira técnica: escutar e não se preocupar em notar alguma coisa" (Freud, 2010 [1912], p. 150).

É possível após o encontro anotar, desenhar, mapear, gravar a própria voz com as impressões sobre o que foi vivido, destacar trechos, registrar reflexões e tudo o que a lembrança deixar emergir. Há um professor e uma professora na cena vivida, então, registrar notas de campos com os momentos que antecedem e sucedem os encontros nos ajuda a nos ver e a nos colocar na cena, enquanto fazemos pesquisa.

Um segundo tempo de registro é feito quando nos dedicamos a escrever sobre o encontro, como por exemplo: onde foi? Com quem conversou? Como eram as condições climáticas? O que você sentia no momento do encontro? Quais eram as expectativas antes da conversa? O que você via/lia na paisagem do lugar? O que você pôde ouvir do falante? Quais frases te marcaram? Qual ou quais palavras te chamaram atenção? Qual ou quais palavras se destacaram na fala do sujeito da pesquisa? Quais caminhos seu pensamento trilhou a partir do que escutou? O que ficou para conversas futuras? Qual palavra abriu caminho para sua reflexão, para pesquisa e para continuidade da

investigação? O que esta palavra te diz? O que você diz sobre esta palavra? O que o falante disse com essa palavra?

Observe que há registro antes, há registro em seguida ao encontro e há registro com mais tempo para fazê-lo. As vezes isto poderá ser no mesmo dia e em outros momentos não. Então, faça a distinção desses momentos, perceba e marque frases escutadas literalmente e outras que já serão você narrando para posterior trabalho com o material. Os registros em cadernos de campo são mais um momento de nos encontrarmos com as palavras.

> Depois de cada encontro é possível nos colocarmos em possiblidade de outro encontro: com as palavras que serão recolhidas. Isto poderá gerar um movimento do próprio palavrar que consiste em deixarmos as palavras escutadas ecoarem em nosso fazer da pesquisa, por exemplo. Do mesmo modo esse movimento requer tempo e intervalo, o que pode nos possibilitar escrever sobre o encontro em seguida e posteriormente. A criatividade na forma do registro é bem-vinda em diferentes linguagens e recursos. Observe que isso diz da sua forma de se encontrar com as palavras ditas e escutadas, então, crie. (Dias, 2022, p. 58).

"O movimento do palavrar é permanente e vimos que ele pode continuar mesmo quando o encerramos um encontro com um falante. Os efeitos podem advir lendo, escrevendo, sonhando, conversando e em tantas outras circunstâncias no fluxo da vida" (Dias, 2022, p. 58).

"As palavras têm grafia, movimento acústico, letras, sílabas, idioma, tamanho, significado e podem ser significantes, então, explore porque ouvir uma palavra, escrevê-la e lê-la em um papel podem produzir diferentes possiblidades de encontros no palavrar" (Dias, 2022, p. 58). "Nossa tarefa será demonstrar que esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala." (Lacan, 1998, p. 247)

Neste método para Geografia da Escuta, a palavra entre encontros e desencontros, entre o falar e o escutar, se apresenta como caminhada e caminho. Colocar palavras em nossa experiência e ainda comunicá-la a alguém não é uma prática simples. Mas também nesses desencontros poderá haver caminho com a palavra, como no exemplo do hospital para a própria participante, e na situação vivida na aula como trabalho para nós e para turma de estágio. O ponto é seguir as pistas e o caminho feito por e com ela. Com as palavras podemos nos orientar, nos localizar, nos deslocar, imaginar e registrar algo sobre a experiência que cada um elege partilhar conosco.

Freud (2013 [1909]) ao elaborar seu método de trabalho esteve atento aos silêncios, aos gestos e às palavras. "Não há fala sem reposta, mesmo que depare apenas

com o silêncio, desde que ela tenha um ouvinte, e que é esse o cerne de sua função na análise." (Lacan, 1998, p. 249). Nesse palavrar, as conversas vão a cada letra e a cada palavra numa "cadeia continua e sucessiva de termos parciais que é o texto, sempre aquém ou além do ser, também localizado num tempo outro, em constante defasagem com sua tradução em palavras". (Homem, 2012, p.33).

"Na Geografia da Escuta também nos colocamos a nos escutar, a prestar atenção no movimento que as palavras nos provocam, em suas imagens acústicas, nos lapsos e equívocos e na trilha que vai se sulcando nesse palavrar" (Dias, 2022, p. 68). Então, destaco novamente uma palavra fundamental: o inconsciente. "O inconsciente é a parte do discurso concreto, como transindividual, que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente" (Lacan, 1998, p. 260). É com esta falta que caminhamos para uma escuta que inclui o material psíquico consciente e inconsciente a cada encontro com falantes.

> Os encontros entre falantes e escutadores requerem uma forma de conexão com o tempo presente para que outros tempos também possam se presentificar. Então se ficarmos pensando "ah por que ele disse isso?"; "será que ela vai falar o que preciso para pesquisa?"; "será que é isto que me perguntaram?"; ou qualquer outra forma de escapar do encontro, dificilmente escutaremos o falante e assim prestaremos atenção em nós mesmos. Estes encontros são um convite à experimentação através do modo com que cada um se põe a falar e a escutar (Dias, 2022, p. 207).

Para Christian Dunker e Cláudio Thebas (2021), escutar é um modo de seu silêncio e atenção, e ao falar damos palavras para o outro. "Escutar é receber as palavras que o outro te envia, receber com cuidado e com rigor, como se recebem presentes, mas também como se recebem ordens, ou uma carta, que requer leitura e intepretação". (Dunker; Thebas, 2021, p. 87). Com essa escuta, não estamos autorizados a fazer afirmações de causa e consequência sobre a vida das pessoas.

> Esta escuta também é marcada por duas perspectivas: acolher e testemunhar. A acolhida está ligada à possibilidade de recebermos e acolhermos as palavras daquele falante que nos diz sobre sua vida. E o testemunho está relacionado ao nosso modo de narrar e comunicar em nossas pesquisas construídas no encontro com as vidas dos falantes e suas experiências que recebemos (Dias, 2022, p. 210).

"Quando você escuta o outro, está dizendo para ele: eu tenho um lugar para você em mim." (Dunker; Thebas, 2021, p. 103). Então, como você recebe as palavras de alguém? Como você testemunha essas palavras no mundo? Você tem lugar para o outro? E já deixou-se tocar pelas palavras? Qual o lugar das palavras na sua Geografia?

Referências Bibliográficas

Birman, Joel. **Cartografias do avesso:** escrita, ficção e estéticas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

Chemama, Roland. **Dicionário de Psicanálise.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1995.

Dardel, Eric. **O Homem e a Terra:** natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

Dias, Juliana Maddalena Trifilio. **Lugar geopsíquico:** contribuições da Psicanálise para uma epistemologia da Geografia. Tese (Doutorado em Geografia). Campinas: Programa de Pós-Graduação em Geografia, UNICAMP, 2019.

Dias, Juliana Maddalena Trifilio. **Lugar geopsíquico:** onde a Psicanálise e a Geografia se encontram. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2022.

Dunker, Christian, Thebas, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista.** Como escutar os outros pode transformar vidas. São Paulo: Planeta, 2021.

Flanzer, Sandra Niskier. **A pa-lavra**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2010.

Freud, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise.** [1910]**.** (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 9). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Freud, Sigmund. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva.** [1909]**.** (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 9). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Freud, Sigmund. **O Eu e o Id**. [1923]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 16). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Freud, Sigmund. **O Inquietante**. [1919]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Freud, Sigmund. **Recomendações ao médico que pratica a psicanálise**. [1912]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 10). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Homem, Maria Lucia. **No limiar do silêncio e da letra:** traços da autoria em Clarice Lispector. São Paulo: Boitempo; EDUSP, 2012.

Lacan, Jacques. A função criativa da palavra. *In*: Lacan, Jacques. **O seminário, livro 1:** os escritos técnicos de Freud, 1953-1954. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

Lacan, Jacques. **O seminário, livro 5:** as formações do inconsciente, 1957-1958. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

Lacan, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. *In*: Lacan, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Lacan, Jacques. **O seminário, livro 3:** as psicoses, 1955-1956. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

Laplanche, Jean; Pontalis, Jean Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Tyzler, Jean Jacques. As metamorfoses do objeto. Clínica da pulsão, da fantasia e da letra. **Revista Tempo Freudiano**. Nº 9, setembro, 2011.

Recebido em 14 de janeiro de 2024.

Aceito para publicação em 23 de maio de 2024.